

Aos vinte e dois dias do mês de julho do ano de mil novecentos e
 noventa e quatro, nesta Cidade de Brasília, Capital da República, no
 Quartel General do Comando Militar de Brasília e Distrito Federal, do
 Militar, onde se achava o Major EDIO MAGGISSI SUSHI RIBEIRO, cor-
 carregado deste Inquérito, comigo ANTONIO JACINTO DE SOUZA, corvindo/
 de escrivão, compareceu a testemunha abaixo nomeada, que foi inqu-
 rida sobre as irregularidades contra o Estado ou seu Patrimônio e a
 Ordem Política e Social, na Fundação Educacional de Brasília, constan-
 tes do informe nº 67/64, do Departamento Federal de Segurança Pública,
 de dez de junho do corrente ano, o qual lhe foi lido, declarando o se-
 guinte: chamar-se ROSELA RAMOS DE SOUZA, com trinta e um anos de ida-
 de, natural do Rio Grande do Sul, filha de Rui Vitorino Ramos e Rôhy-
 ta Martins Ramos, casada, Professora, residente na Superquadra 200, /
 Bloco 11, Aptº. 203, Telefone: 2-7178, depois do compromisso de di-
 zer a verdade, disse: PERGUNTA: Qual a função que a Sra. exercia na
 Prefeitura, antes de ir para a Chefia do Departamento do Ensino Médio?
 RESPONDEU: Cheguei em Brasília em 1960. Eu era simples Professora de
 Inglês. Depois, em 1962, passei a Coordenadora da equipe de Inglês do
 Ginásio do Plano Piloto. Em 1962 mesmo, assumi a direção do Ginásio /
 do Plano Piloto. Depois, em 1963, em outubro, fui para a direção do
 Departamento do Ensino Médio da Fundação, a qual deixei no dia 31 de
 julho do corrente ano. PERGUNTA: Quem a designou para essa função /
 do Ensino Médio? RESPONDEU: Foi a convite do Dr. Pujol, numa das
 crises da Fundação. Ele houve por bem lembrar meu nome e me convi-
 dar. Eu aceitei e assumi. PERGUNTA: Pode me dizer alguma coisa a
 respeito da crise? Qual o motivo e as providências tomadas pela Senho-
 ra assim que assumiu? RESPONDEU: Quando o Dr. Pujol assumiu a Funda-
 ção Educacional a encontrou dominada pela Associação Profissional de
 Professores. Apenas em cargo não era de confiança absoluta da Associ-
 ação, que era o de Secretário da Educação, cargo político administra-
 tivo. Mas a Associação não bastava toda essa estrutura. Eles queriam
 a própria Secretaria. Então, numa crise forjada, sob o pretexto da
 aplicação de um plano, demitiram-se todos os diretores dos estabeleci-
 mentos e do DEM, forçando a demissão do Secretário. Entregaram essa
 demissão na sexta-feira, à tarde. Sábado e domingo são dias em que não
 funciona em Brasília. Eles esperavam que, na segunda-feira, o Se-
 cretário, impossibilitado de nomear o novo Diretor do Ensino Médio e
 o novo grupo de diretores, porque a Associação havia proibido seus
 membros de aceitarem qualquer cargo de chefia, o Secretário, diante da
 acanalia do sistema de ensino médio, seria praticamente obrigado a
 renunciar e, renunciando, a quem poderia ser entregue o Ensino? A
 própria Associação? Esta a crise foi a culminância da atuação da As-
 socição para dominar completamente o Ensino em Brasília. Mas alguns
 amigos foram ao Dr. Pujol no sábado e lembraram o meu nome. Ele me te-
 lefonou e eu aceitei. Graças a Deus conseguimos formar uma equipe de
 sábado para domingo. Na segunda-feira abrimos as escolas e tudo funci-
 onou normalmente, com exceção de um dos colégios, que foi o Ginásio
 Industrial de Taguá digo Taguatinga. PERGUNTA: Houve alguma rea-
 ção por parte dos diretores substituídos nas escolas? RESPONDEU: Sim.
 Em primeiro lugar, eles não tinham certeza de que o Secretário conse-
 guiria nomear alguém. Acharam que era impossível conseguir, diante da
 presença do tempo e da ameaça da Associação de que nenhum professor
 deveria aceitar qualquer cargo, acharam que seria impossível compor
 o quadro. No entanto, numa reunião da Assembléia da classe, que hou-
 ve no sábado, quando eu já estava convidada, algumas pessoas da nos-
 sa equipe nos informaram que um dos professores comunicara em reuni-
 ão que aquela esquadra da Associação falhara pois o Dr. Pujol já havia
 convidado uma pessoa e esta já havia aceito, já tendo, inclusive, con-
 seguido formar uma equipe. Eles ficaram assim entre quem acredi-
 ta e dúvida. Aqui no Plano Piloto não tivemos nenhum problema porque
 tivemos sorte de encontrar as pessoas certas. Eram professores de
 mais alto gabarito, pessoas que conheciam a fundo o sistema de ensino
 de Brasília, em quem os alunos confiavam e acreditavam. Eram pro-
 fessores de quem a maioria dos colegas podia aceitar a lide- / / / /

(10)

111 112 113

mação. De modo que, não houve problema, com o início do Ginásio Industrial de Taguatinga. Esse, sim, deu grandes problemas. O Diretor que nomeamos no momento para assumir com portaria do Se- cretário o foi impedido de entrar. PERGUNTADA: Qual a providência que a Senhora tomou em face do impedimento? RESPONDEU: Da sempre acho que há terreno para diálogo. De modo que, vendo que estava tudo calmo e que o único foco de resistência era aquele, comparecemos ao local para comunicar aos professores que eles como servidores públi- cos tinham que aceitar uma substituição de rotina que o diretor de- les havia pedido demissão, que o Secretário havia aceito e que ago- ra havia outro diretor. Que eu entendia natural, amável qualquer reação em favor do antigo diretor, mas que fizessem essa reação e se manifestassem fora do horário de trabalho e que não incitassem os alunos à greve, como estava acontecendo. Então, tivemos uma reunião tempestuosa. Nessa reunião, alguns professores chegaram mesmo até quase a nos ameaçar fisicamente, a mim, ao meu assistente, Professor Mileno, ao meu esposo, que estava comigo, juntamente com meus filhos. Também estava presente o Professor Leonardo, da Escola Industrial. Havíamos indicado o Professor Alberto. Fecharam as portas; a porta - nós, do lado de fora, os alunos gritavam, tentando abri-la. Houve momentos até em que temos para nossa segurança física. PERGUNTADA: Quem era o diretor que reagiu à substituição? RESPONDEU: O Professor Chauvet. PERGUNTADA: É capaz de dizer os nomes dos professores que ameaçaram fisicamente? RESPONDEU: O Professor Fernando, digo, Fernan- do Magalhães. Quando ele me ofendeu eu pedi que ele se retirasse da sala. Ele disse que não se retiraria. Levantou-se e avançou de dedo- piste para cima de mim. Meu marido, que estava presente, como é na- tural, levantou-se para me defender. O professor Mileno e o profes- sor Alberto, então, avançaram para o Professor Fernando e consegui- ram segurá-lo. Felizmente, o incidente foi superado. As professoras, começaram, nervosamente, a chorar e tentamos, então, convencer um por um dos professores. Todos estavam muito exaltados pela influên- cia deletéria do Professor Fernando. Pedimos um crédito de confian- ça e dissemos que estávamos ali para trabalhar, que nos ajudassem. Eles voltaram e muitos deles agora estão trabalhando com a maior boa vontade e são bons professores, elementos que foram recuperados. PERGUNTADA: Pode dar os nomes desses elementos? RESPONDEU: Temos o Professor Tomás e o Professor Emanuel, professor de música, que es- tavam totalmente envenenados contra nós. Achavam que havíamos acei- to o cargo apenas por um desejo de mando, por um desejo de subir, e até nos ofenderam porque pensaram que fôssemos esposas de militar. Nossa assistente, Professora Stela, é realmente esposa de militar, do Capitão Dutra. Confundiram-se com a Professora Stela e diziam que eu era "gorilla" e porque não trazia farda para botar nos profes- sores? Eu apenas exigia deles que dessem as aulas a que estavam o- brigados pelo seu dever profissional. PERGUNTADA: O Professor Fernan- do não era Diretor de outra escola de Taguatinga? RESPONDEU: Não, e- ra professor de História do Ginásio Industrial de Taguatinga. PER- GUNTADA: É verdade que a Senhora foi fechada num compartimento com o Professor Chauvet? RESPONDEU: Não, não é verdade, porque o profes- sor Chauvet não estava presente. Depois eu soube que ele dissera que o carro dele havia enguiçado e que havia chegado tarde a Tagua- tinguá. Quando ele chegou eram 10 horas da manhã. Eu não estava. Che- guei à tarde. Ele não estava presente, mas tenho a impressão de que ele não cumpriu com aquele dever que devia ter cumprido, de prepa- rar os alunos e os professores para a substituição, digo, substitui- ção, porque era uma substituição voluntária. Ninguém o forçou a pe- dir demissão. Ele a pediu porque quis obedecer ao esquema traçado pela Diretoria da Associação. A demissão foi aceita. Cabiu-lho pre- parar o pessoal para receber o substituto, pois se tratava de pes- soa do mais alto gabarito, que desejava trabalhar e que não merecia, de modo algum, a recepção que obteve dos alunos. PERGUNTADA: Quem o- ra o novo diretor? RESPONDEU: O Professor Alberto Luiz do Rêgo Bar- ros, que foi recebido com vaias. Os alunos estavam com uma bandeira

M M

PERGUNTADA: Os alunos entraram em greve? RESPONDEU: Sim. Durante dois dias parece-me que os estudantes permaneceram em greve, mas pouco a pouco o Professor Alberto, com grande habilidade e calma, conseguiu convencer os meninos a voltarem às aulas. Conversei realmente com parte do Directório Estudantil, convencendo-o das suas boas intenções e seu desejo de trabalhar. Algumas Comissões de estudantes iam lá viera conversar com o Dr. Pajol e comigo e imediatamente foi restabelecida a normalidade na escola. PERGUNTADA: Durante essa greve alguns professores foram ao Ginásio de Taguatinga para distrair os alunos? RESPONDEU: Foram os professores do Elefante Branco, que são membros mais atuantes da Associação. Eu não estava presente, mas me disseram que compareceram: Profa. Maria José, Elza, a Irma da Profa. Elza, que se chama Sura, a Profa. Araberg e sua irmã. Elas foram justamente para apoiar o movimento dos alunos e dos professores. Estiveram em concorrência, digo, conferência com os professores, que ficaram em reunião permanente na sala dos professores, não sendo permitida nem a entrada do Director. Durante essa reunião, cantavam notes desabonadores à minha pessoa, à pessoa do Secretário e às pessoas de alguns outros directores; dançando, com castanholas. Tiveram atitude indigna da profissão que ocupam. Perguntada: A Sra. referiu-se à Profa. Maria José. Querida que esclarecesse se é Profa. Maria José Silvestre, ou Maria José Braga Ribeiro. RESPONDEU: Diversas vezes tentei verificar isso, porque é muito importante, visto estar eu sendo chamada a esta e a outras comissões, para restabelecer a verdade dos fatos. Algumas pessoas me disseram que era a Profa. Maria José Braga Ribeiro. Talvez seja, porque ela esteve na Espanha e sei que possui castanholas. Estaria ela, assim, em condições de fazer isso. Outros dizem que foi Maria José Silvestre de Faria. Isso é fácil de verificar, porque a Profa. Maria José Braga Ribeiro estava em licença para tratamento de saúde naquela época. Parece-me, assim, que ela não teria podido comparecer. Não sei, porém não gostaria de cometer uma injustiça. Mas isso é fácil verificar. Se estava doente e operada, não poderia comparecer. Quando voltava de Taguatinga a Comitiva, foi ouvido por vários Professores o Professor Fábio dizer de um carro, em frente ao Elefante Branco, aos gritos: "De Taguatinga virá o estopim da revolta". Eles esperavam fazer marcha de todos os colégios de Taguatinga sobre o Plano Piloto. PERGUNTADA: Justamente eu iria perguntar se houve marcha dos colégios de Taguatinga sobre o Plano Piloto para a greve. RESPONDEU: Houve a ideia de concitar os alunos à greve no Plano Piloto, mas felizmente o Professor que indicamos para o colégio de Taguatinga, que é outro estabelecimento de lá, o Professor Henrique, que é queridíssimo pelos alunos, verdadeiro líder, conseguiu convencer os alunos do Colégio de Taguatinga, que são em grande número, quase dois mil, a não participarem desta greve, acrescido do fato de que o Professor Alberto era antigo Professor do Colégio de Taguatinga, de modo que ele recebeu naquela oportunidade a solidariedade dos seus antigos alunos no momento em que assumia a direcção do outro colégio. Esses alunos não aderiram a esse movimento, da mesma forma que os alunos da escola Industrial, cujo director era o Professor Leonardo. Pouco a pouco os alunos foram esclarecidos, voltando tudo à normalidade e felizmente essa marcha programada não se realizou. PERGUNTADA: Houve inclusive pedido de providências à região? RESPONDEU: Realmente, soube que houve um pedido feito pelo Prefeito. PERGUNTADA: A região tomou alguma providência? RESPONDEU: Creio que providências preliminares. Eu estava no Gabinete do Prefeito. Voltava dessa reunião aqui

CD

... a força e os poucos conseguiram convencer os alunos e professores de que apenas desojávamos trabalhar e levar o a noativo a boa termo. Felizmente isso foi conseguido com o auxílio da maioria dos professores. PERGUNTADA: O que pode dizer-nos/ respeito da Associação dos Professores, chefiada pelo Professor Fábio Bruno? RESPONDEU: A Associação dos Professores nasceu em 1960, com a finalidade, que acredito deva ter toda associação de classe, especialmente da classe intelectual, ou que se diz intelectual, que é a classe de professorado, de debater, de conferências, de mesas redondas, para tratar de problemas intelectuais, culturais, educacionais e técnicos, com o objetivo também de dar/ aos professores de Brasília recreação, visto que Brasília é uma cidade que recém se iniciava e não tinha condições para recreação. Então, queríamos fazer uma associação de classe onde tivéssemos uma sede campestre, onde nos pudéssemos encontrar nos fins de semana e durante as férias. Esse foi o objetivo, acho que o mais nobre e elevado possível, com o qual surgiu a Associação dos Professores. Mas, quando chegaram os professores, em 1961, e quando chegou o Professor Fábio, ele imediatamente nessa associação. Houve a eleição e ele foi eleito Secretário da Associação, sendo Presidente o Professor Edenor Fimentel, a chapa para Presidente indicava um professor pioneiro de 60 e a para Secretário um professor de 61. Até aí, não há nada de mais, entende-se perfeitamente. O que não se entende é que o secretário fôsse o presidente de fato da Associação, porque imediatamente o Professor Fábio conseguiu alcançar projeção injustificável, porque ele era um Professor recém-chegado. Isso até era motivo de graça, porque o Professor Edenor, que era o presidente, foi apelidado de "Fasso a palavra ao Sr. Secretário", porque era a única coisa que ele fazia. Nas reuniões da Associação ele dizia: "Declaro aberta a sessão. Tenha a palavra o Sr. Secretário". Ele era o Presidente de direito, mas não de fato. Quem dominava era o Professor Fábio. A partir daí os altos objetivos da Associação foram deturpados e a Associação procurou a luta de classes, procurou juntar-se a outros sindicatos e até se comenta - não sei, não poderia afirmar - que a Associação era ligada ao CGT e à UNE e tudo que fazia as ordens vinham do Rio. Diversas vezes o Prof. Fábio viajava ao Rio dirigia-se para receber as ordens do CGT e da UNE. PERGUNTADA: - Onde funcionava essa Associação? Onde era sua sede? RESPONDEU: A princípio, ela funcionou em diversas escolas. Mas, depois, com a contribuição dos professores - porque todos eram sócios e aí de quem não fosse sócio, porque as vantagens, como apartamento, só ganhava quem era sócio, os cargos na Fundação eram só para os sócios, só para questões que colaboravam intimamente e havia, portanto, um trabalho de aliciamento; de modo que todo mundo era sócio e todo mundo pagava. Primeiro se reunia num salão, ali atrás do Bancrevea; depois, foi comprada uma sede ali perto daquela lojinha do MEC, onde se vendem cadernos, naquelas lojinhas da Caixa Econômica. É preciso que se saiba que essa Associação nunca prestou contas, nunca reuniu os seus associados, para dizer o que fazia dessas contribuições, o que adquirira, qual era o montante em caixa. Nunca houve isso. PERGUNTADA: Quem dirige atualmente a Associação? RESPONDEU: Atualmente ela não existe. Ela ficou completamente acéfala porque seus membros, os assessores técnicos, foram justamente esses professores agora exonerados da Prefeitura. De modo que ela está completamente parada. Não conheço os estatutos, mas tenho a impressão de que pelos estatutos já haveria amparo legal para a classe convocar uma assembléia geral para destituir essa Diretoria e eleger uma nova. Logo depois desse nosso movimento, em outubro, esses professores procuraram alguns dos elementos que haviam ficado conosco para dizer se queriam sair da Associação. Ninguém queria sair da Associação. Devia-se era eleger uma nova Diretoria. Aliás, fomos fazer isso, mas, infelizmente, saímos da Fundação, não continuamos mais lá. Seria um dos nossos próximos objetivos, porque o Departamento de Ensino Médio é um órgão técnico. Mas, devido a circunstâncias quase dramáticas, em que assumimos, nós nos

117 118 86

nos transformamos, no mesmo tempo, em líderes ideológicos e de liderança da classe -- Fizemos esse duplo trabalho, éramos diretores dos colégios, mas no mesmo tempo, éramos líderes da classe nas respectivas escolas. Por isso pretendíamos agora, que tudo já estava mais calmo, reestruturar essa Associação, que acho uma necessidade. Não se deve impedir ninguém de se associar livremente, desde que com objetivo alto.

PERGUNTADA: Como era feito o recrutamento de professores? RESPONDEU: É difícil entender, para quem está de fora, mas a Associação dos Professores era a própria administração das escolas.

PERGUNTADA: O professor tinha que passar por um inquérito, responder a algum teste. RESPONDEU: Quando havia necessidade de um professor, o candidato preenchia uma ficha do DDM e era mandado para uma entrevista com os coordenadores. Se era professor de Inglês, ia ser entrevistado pelo coordenador de Inglês, que era o chefe da equipe. Cada escola tinha quatro ou cinco professores. Dentre esses quatro ou cinco, de cada matéria, um era escolhido para dirigir a equipe. Este era realmente um cargo de confiança. Mas sempre se procurava que este elemento que dirigisse fosse um elemento, não digo o mais capaz, mais aquele que tivesse mais experiência e que mais conhecesse o ensino em Brasília. Eu, realmente, muitas vezes fiz entrevistas para Professor de Inglês. Agora, sei que, especialmente nas cadeiras mais fáceis para esse tipo de trabalho, como História e Geografia, muitas vezes eram entrevistados com relação à sua posição ideológica, face a problemas econômicos e sociais. Mas na minha cadeira, não, porque é técnica, de Inglês, e não se pode saber o que a pessoa pensa a respeito dos problemas da Rússia ou dos Estados Unidos, do comunismo e do capitalismo. O que nos interessa é se ele fala Inglês e saber lecionar.

PERGUNTADA: Quem lecionava Geografia e História? RESPONDEU: Para História, era o Professor Fábio no Elefante Branco; para Geografia, devia ser um Professor da equipe dele. A Professora Onéida e a Professora Aparecida. Soube que houve queixas dele com relação a entrevistas de professores que foram reprovados, apegar de capazes, pela sua posição, digo, posição ideológica, mas não lhe saberia dizer quem, nem quando. Ouvi falar.

PERGUNTADA: Esses professores faziam propaganda marxista nas aulas? RESPONDEU: Isso é coisa difícil de dizer, porque acho que aquilo que se passa dentro da sala de aula diz respeito ao professor e ao aluno. Nunca tivemos a coragem de fazer o que eles faziam, de usar os alunos. Teria sido difícil para nós, ao assumir, chamar os alunos e perguntar: "O professor fulano o que dizia dentro da sala de aula. Qual a orientação que dava? Nunca o fizemos. Mas as coisas que se passavam fora da sala de aula eram públicas e notórias. Temos um jornalzinho que foi publicado dentro do Elefante Branco, o órgão de classe, o do diretório estudantil do Elefante Branco, no qual há diversos artigos que tenho a certeza de que adolescentes não teriam condições de escrever, a não ser que fossem ensinados a escrever, que tomassem conhecimento daquilo que estava escrito. Eram artigos com títulos como este: "Democracia. Chega de Democracia". Eram artigos que tinham no seu conteúdo referências desabonadoras contra a Câmara, contra o Senado e contra o próprio Exército. Os alunos eram os autores, o nome do professor não aparecia, ficava oculto! Quem assinava eram os alunos. Esse me parece, realmente, o maior crime que essa gente cometeu, pois não comissão de inquérito, não há demissão, não há punição que consiga apagar. Realmente, o que fizeram foi aproveitar-se de suas posições de professores para influenciar a criança, o adolescente, num período em que é mais influenciável e em que não em condições de se defender, pela sua imaturidade, pois sabemos da influência que tem na vida da gente a palavra, a ação, a atitude de um professor. Isso nos marca pela vida toda. Agora, isso era feito camufladamente; quem chegava de fora não via. O Centro de Estudos Brasileiros era uma coisa bela: reunia-se uma turma de alunos para estudar problemas do Brasil, mas qual era, a diretoria desse Centro? Qual era a conclusão de um trabalho desses? Dizer que tudo estava errado e que a única coisa que se poderia fazer e

era destruir, para, das ruínas do que se destruiu, construir uma nova conjuntura social e política. Esse era um trabalho que o Professor Fábio fazia no Gímnio do Plano Piloto, em 1961, ele reunia os alunos num clube. Todas as terças e quinta-feiras, tinham clubes, nesses clubes, ele reunia os alunos para estudar problemas brasileiros, através de conferências, em que levava debates. Em os assuntos do momento: petróleo, reforma agrária, aproveitamento das áreas monásticas, esses assuntos que estavam muito em voga antes da revolução. Depois, na própria Associação continuavam com esse tipo de debate e de orientação com os professores. Depois que o Deputado Neiva Moreira veio da Rússia foi convidado oficialmente pela Associação de Professores a fazer uma conferência sobre sua visita a aquele País. O Ministro Paulo de Tarso também fez uma conferência sobre aquela orientação esquerdizante que estava dando ao Ministério e à Educação no Brasil. Essa reunião foi muito concorrida e todos os professores aplaudiram a atitude do Ministro Paulo de Tarso e sua orientação, com exceção de dois, que foram o Professor Friedman e eu, que tivemos a coragem de apartar o Ministro publicamente e combater suas idéias. Perguntada: Quando o Professor Friedman interferiu, houve influência do Panissel que até o pôs para fora? RESPONDEU: Não, o Professor Friedman era um elemento mal visto; era considerado a "ovelha negra", porque, é preciso que se lhe faça justiça, nesta oportunidade, foi o primeiro que lutou sozinho contra a Associação de Classe inteira. De modo que, quando ele levantou, ele que tinha sido, na outra reunião, expulso publicamente da Associação, foi muito mal recebido e a reação da Assembléia é a reação tradicional de todas as assembléias. São risos, movimentos, gente mandando pessoas cularem, para não continuarem com aquilo. Essa mesma atitude tiveram quando interferi. O Professor Hasi também interferiu, dizendo que não admitia que eu estivesse ali para acusar o Ministro Paulo de Tarso de comunista. Ele, que era católico praticante. Esses são os momentos que podem mostrar realmente qual era a de todos os líderes da Associação, que não admitiam que eu estivesse ali acusando o Ministro, logo eu, que era filha de um deputado nacionalista e de uma professora que sempre tinha tido uma linha muito coerente de pensamento? Foi uma maneira que eles encontraram de me perturbar, porque, realmente era uma posição difícil. Uma professora discutindo com um Ministro. PERGUNTADA: O que nos pôde a Senhora dizer a respeito da aplicação do método Paulo Freire, que foi tentado pelo Dr. Fajol? RESPONDEU: Esse terreno não é meu; é parte de um ensino primário e extra-escolar. É preciso que se diga que o Ministério, naquela oportunidade, só realmente cedia as verbas e os recursos para os Estados, que se comprometessem a aplicar, na íntegra, o método Paulo Freire. No Brasil, só se queria alfabetizar de uma maneira, através do método Paulo Freire, não se queria alfabetizar; o que se queria era, através da alfabetização, que era uma coisa absolutamente neutra - o que se queria era conscientizar as massas de uma posição comunizante. Os recursos eram astronômicos; as verbas eram monstruosas, que se davam aos Estados que aplicavam o Método Paulo Freire. O que o Dr. Fajol fez foi receber esse recurso, oferecer um curso para professores. Aplicou-se a prova do Ministério, que eu conheço o que é uma prova esquerdizante. Depois, então, de selecionado o pessoal, se disse o seguinte: "Agora, daqui por diante, a Secretaria vai continuar a fazer o seu trabalho, porque não há mais necessidade da assistência do Ministério", o ensino primário em Brasília é o melhor ensino primário em Brasília, digo, no Brasil. Todas as professoras normalistas são tituladas, têm curso de formação primária, ao passo que, por aí fora, malária, 80 por cento das professoras do ensino primário são leigas, não têm nem o terceiro ano primário. Em Brasília, a percentagem de leigas é zero por cento. Não havia como justificasse que o Ministério continuasse a dar a orientação. Mas, aí, houve uma briga violenta dentro do Ministério, com relação à Secretaria, porque se queria impor o método Paulo Freire. A título de atual ex-chefe do Gabinete, que também foi Secretário, Dr. Ernani, que era Diretor do Departamento Extra-escolar, teve uma briga terrível para que o Ministério deixasse a Secretaria apli-

62

com liberdade o método Paulo Freire. De Dr. Tufes foi excluído. In-
cluiu-se, de não receber nenhuma verba de Plano Trienal se não con-
sentisse em aplicar o método Paulo Freire. Era isto o estado de- /
coisa que vivíamos naquela época. PERGUNTA: Fois nos arranjar /
um exemplar dessa prova do Sistema Paulo Freire? RESPOSTA: Não ta-
mo. Mas é do conhecimento público. Ela foi publicada até n.º "O /
Globo", parece-me. Pergunta-se nela o que se entende por "Cultura",
o que se acha da reforma agrária, aquelas chaves que todos nós co-
nhecíamos. Não era uma prova objetiva. Não se perguntava o que o
professor achava do assunto, como alfabetizaria, quais os métodos/
que deveria usar. Apenas se preocupavam em indagar a ideologia do

dir. não sei, é que esta orientação veio de cima, do Professor Darcy Ribeiro, porque o Professor Rocco era assistente e bibliotecário do Professor Darcy e só fazia o que ele queria na Universidade e só veio para a Secretaria para esquivar o ensino em Brasília. Mas, felizmente, tanto a impressão do que ele não ficou nos dois dias, pois logo depois veio a revolução. Ele chegou a demitir e colocar todos os diretores, mas nem todos foram os mesmos. Alguns voltariam como, por exemplo, o Professor Chauvet, que voltou ao Ginásio de Fátima, bem como outros professores da Associação de Professoras. Queria só que ficassem pelo menos uma semana ou 10 dias, para que mostrassem realmente os seus planos, os seus objetivos. Ainda hoje me dizem que o esanoma para o ensino elementar, onde se colocaram a Profa. Dayse em substituição a Profa. Helen Reis, uma das mais ilustres educadoras que o Brasil possui, era porque a Profa. Dayse não era um elemento muito visado, mas assim que o golpe do Presidente Coultart vencesse ela entregaria a Professora Araberg a direção do Dep. de Ensino Elementar, porque a Araberg seria assistente dela até que isso se realizasse. Ela ficaria, então, como a eminência parda. No momento em que o golpe do Presidente Coultart vencesse a comunização do Brasil fosse um fato, ela entregaria o ensino primário a Professora Araberg e pode-se pelo menos imaginar o que não seria isso se realmente acontecesse. PERGUNTADO: A Sra. não sabe o nome da pessoa que a substituiu na função? A Sra. abandonou a função? RESPONDEU: Não abandonei. O Secretário chamou-me e disse que me iria substituir e que ainda não tinha um nome para me substituir, e eu disse a ele que não pretendia ficar além de sexta-feira. Isso ocorreu na quarta-feira. Acho que quando não nos querem, não cabe ficar um momento mais. Fiquei até sexta-feira e na segunda-feira, ontem, eu me apresentei ao Ministério, porque sou funcionária do Ministério. Deixei a frente do Departamento meus assistentes. Parece-me ser pensamento do Secretário acumular as duas funções. PERGUNTADO: Não foi o Sr. Carlos Augusto que a substituiu? RESPONDEU: Não. O Carlos Augusto de Albuquerque é chefe de Gabinete do novo Secretário. O Secretário pretende acumular as funções de Secretário com as de Diretor do Departamento de Ensino Médio. Creio, porém, seja solução temporária. PERGUNTADO: O que tem a dizer a respeito do Carlos Augusto? RESPONDEU: Não o conheço pessoalmente; fui conhecê-lo agora. Soube, com surpresa, com estarrecimento, que era o elemento que, estando no Departamento de Ensino no Extra-Escolar, lutou abertamente contra o Professor Ernani para aplicar o método Paulo Freire para alfabetização. Esse elemento era conhecido no Ministério por suas tendências esquerdizantes. Aliás, é filho do Deputado baiano Theófilo Albuquerque. Não o conheço. Estou transmitindo informações que me deram. Não sei se isso realmente é verdade. PERGUNTADO: Qual o nome todo do Secretário de Educação? RESPONDEU: Cleanto Rodrigues Siqueira. PERGUNTADO: A Sra. tem mais alguma coisa a acrescentar, que possa esclarecer esse problema educacional? RESPONDEU: Não sei se o Dr. Fajol, que depois antes de mim - tocou no problema das "célebres" bancas para concurso. Se não tocou, deve ter esquecido. Quando iniciamos o ano, em março, e pretendíamos expandir a rede, como realmente expandimos, para atender à Asa Norte, o Cruzeiro, a Área Alfa, pedimos a Prefeitura, que não fizesse o concurso, porque a situação administrativa da Fundação é difícil. A Fundação tem um sistema de ensino, mas os professoras são da Prefeitura, de modo que a Prefeitura é que tem de fazer o concurso, apesar de que acho isso errado. Em lugar algum do Brasil a Secretaria de Administração é encarregada dos concursos para professores. Tinha de ser a Secretaria de Educação. Mas, diante da estrutura exdrúxula do ensino em Brasília, essa municipalização que ninguém entende, foi o maior conto de vigário que se

... 21

Ela levava o que justificava, Gabrielito não era, por isso aqueles professo-
res do nosso grupo eram tão capazes, ou mais capazes, que aqueles e
confiança administrativa também não era, porque eram justamente aque-
los professores que estavam contra o Secretário, que todo faziam para
solapar o nosso trabalho. Então, ninguém entendia. Quando recebemos /
essa lista, fizemos o que chamei uma contr. lista. Fizemos a lista do
nosso pessoal. E, numa reunião com o Secretário de Administração, Dr.
Edilson, e o Diretor Administrativo, Dr. Wilson, eu disse: "Dr. Wilson,
não entendo porque esta lista" - "Nos temos que atender, a Associação
..." Retruquei: Que Associação? Essa Associação não representa o pon-
tamento da classe. O Sr. sabe... "porque ele também é professor..." /
que é uma Associação que só tem Diretoria. Ela vive em torno dessa Di-
retoria". Eram 20 ou 30 elementos que pensavam que tinham o professo-
rado, pouco a pouco, se foi esclarecendo e, felizmente, ficou conosco.
Não havia, portanto, o que justificasse aquelas bancas. Apresentamos,
assim, essa contra lista. Esse problema - veja a importância dele - /
das bancas examinadora foi por eles levado ao Prefeito Ivo, que confir-
mou os nomes da Associação, dizendo: "Não. Tem que ficar esse pessoal
da Associação" e para o ensino primário também. E esta Associação, /
que fazia parte das bancas, deu curso. Dentro da própria Associação /
foi dado curso. E a matéria que caiu na prova foi a dada na Associação.
E, ultimamente, eu soube que uma das Professoras nossas foi à Associa-
ção e ainda encontrou, dentro da Associação, as provas do concurso, que
deveriam estar guardadas, no maior sigilo, nas Secretarias de Adminis-
tração. E estavam na Associação de Professores. É uma coisa injustifi-
cável. Acho vergonhoso, degradante um ato desses. Outro fato que que-
ria relatar é sobre a última aula dada pela Professora Araberg. Ensi-
nou aos professores que faziam cursinho na Associação como fazer uma /
preocupação e isso caiu nas provas. Acho interessante que os professo-
res primários saibam como se redige uma procuração, mas acho que há /
outras coisas muito mais interessantes que podem medir, da mesma for-
ma, conhecimentos de lingüística do professor. Mas foi justamente o /
que foi dado e o que caiu. E o pessoal que fez o cursinho passou bri-
lhantemente. Essas coisas é que deixam a gente desolada, porque a gen-
te vê que não foi só a Associação! E todo lugar ela era apoiada. Até
os mais altos círculos da Administração: Os Secretários, o Prefeito, o
Chefe da Casa Civil. Era o País todo mesmo que estava apodrecido, cor-
rompido. Também um dos motivos da saída do Dr. Pujol foi esta banca. Ela
mandou, então, a nova lista, dizendo que não entendia os motivos pelos
quais se nos apresentavam as listas, quando a Superintendência era um
órgão. E foi mantida a lista da Associação. Este episódio é o da Esco-
la Parque que são decisivos para demonstrar que a infiltração comuni-
ta no ensino em Brasília era apoiada e prestigiada pela própria alta /
administração da Prefeitura. PERGUNTADA: O que a Sra pode dizer-nos a
respeito daquela greve de municipalização; inclusive do incidente na
Escola Classe da Superquadra 107? RESPONDEU: Não compareci. O que sei /
é que todo mundo sabe. Foi mesmo publicada na imprensa reportagem com
retrato do Professor Fábio, apresentando-o como conhecido agitador. Fe-
lizmente, o professorado primário, que é muito mais numeroso e cuja a-
tuação considero mais importante porque atua com a criança, nunca a-
esta Associação. Isso graças à atuação decisiva da professora Helena/
Reis. Nunca o Fábio e Associação conseguiram o ensino primário; tinha /
alguns elementos, realmente, porque a Associação do Fábio era do ensi-
no primário e médio de Brasília; congregava os dois grupos de profes-
sores de Brasília. Mas algumas diretoras eram muito curiosas das di-
go, coisas das suas posições e não admitiam que se estrassem dentro de
uma escola para impedir que se desse aula, porque o professorado pri-
mário realmente tem uma consciência muito viva da sua responsabilidade.
Como as professoras iam passar 15 dias, como as vezes passávamos, sem
dar aula, interrompendo o trabalho que se fazia com as crianças? Isso
fazemos no ensino médio, isso é criminoso. Os professores eram obriga-
dos a ficar em greve, porque os piquetes ficavam perto das escolas e
não permitiam ninguém, digo, que ninguém entrasse. Nesse inciden-

CPA

219 221 23

incidente, a Professora Lídia estava dando aula, os alunos estavam dentro das salas de aula. O piquete chegou e invadiu a escola, tentando tirar os professores e os alunos que estavam, digo, estavam em aula. Não sei se chegou a haver agressão física. Ovi gente, digo, sei que houve agressão e ovi gente dizer que não houve agressão. Eu não sei, não estava presente. Mas esses acontecimentos são públicos e notórios. PERGUNTADA: A Sra. sabe se houve influência da Associação dos Professores naqueles incidentes, em Brasília, em agosto e setembro de 1963, em que houve aquela quebra-quebra de ônibus culminando com aquele incidente na Escola Parque? RESPONDEU: Acho que tudo aquilo fazia parte de um esquema, que o objetivo era lançar a juventude contra os poderes constituídos, quer fosse Executivo, quer fosse o Legislativo, quer fosse a companhia de transportes representava o poder público e o que se queria era humilhar, degradar e achincalhar esse poder público. Esta certo que o aumento de passagem pesa no bolso do povo já tão sacrificado, mas não se justificam as medidas que foram tomadas, de depredação da coisa pública e das greves. Souve, digo, soube, não assisti também ao episódio, que os alunos avançaram contra ônibus, tentando incendiar. No Núcleo Bandeirante e em Sobradinho realmente incendiaram. Imediatamente chegou a polícia, cercou e bateu, como essas coisas naturalmente sempre acontecem. E houve a greve dos estudantes. Nessa altura, eu estava na Assistência de Direção do G.P.P. O diretor era o Professor Donato, membro da Associação, um daqueles cujo cérebro havia sido transferido ao Professor Fábio. Ele não pensava, o Professor Fábio pensava por ele. Então, o objetivo era manter o Ginásio permanentemente em greve. E nós e um grupo de professores, queríamos dar aula. Enquanto lutávamos num lado do Ginásio, porque a cerca era de arame para que os alunos não saíssem, de outro lado os professores grevistas e o Professor Donato dispensavam os alunos. Até acho muito interessante que nos Quadros das salas de Professores o diretor escrevesse: "Os professores compareçam às aulas como se fossem normais". Ora, como se fossem normais! Ele estava se definindo, não queria que se desse aula. Então, não se deixavam os alunos entrar e gente ficava na porta, eu e o Professor Milano, que trabalhávamos juntos e continuávamos trabalhando depois no Departamento, para convencer os pais que deixassem os pais que deixassem as crianças, que elas entrariam, apesar de piquete porque garantíamos haveria aula. Mas ao mesmo tempo ficavam empurrando para fechar o portão e nós empurrando para abrir o portão. Se não aparecessem ali uns professores um pouco fortes e decididos, não sei o que realmente aconteceria. Eles teriam conseguido invadir. Esta mesma comissão era recebida oficialmente no Gabinete do Diretor para discutir os problemas. Não sei que problemas se queriam discutir. O que se deveria fazer era dar aulas e encerrar aquele incidente. Ele só teve as consequências de quase perda de vida de um estudante, porque foi estimulado o prolongado e liberadamente pela Diretoria e pela Associação de Professores que aderiram aos alunos. PERGUNTADA: A Senhora afirmou e confirmou que o Diretor Donato estava de acordo em que houvesse a greve? RESPONDEU: Estava absolutamente de acordo. Ainda uma vez argumentou: "Se quando fazíamos nossas greves os alunos se solidificavam e se solidarizavam conosco, como é que agora vamos ter a moral de não nos solidarizar mais com os alunos? Temos que entrar em greve". Mas não era bom que

17/3

9/

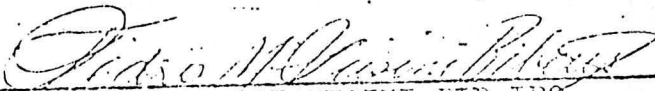
17

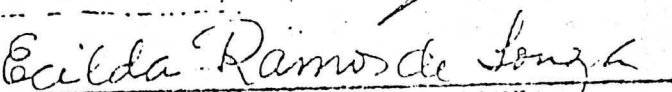
a entendo como se lhe faltasse a coragem e a decisão de assumir q-
ua atitude, tanto é assim que, quando ela sentiu que estava com-
pletamente minada, que não poderia realizar seu trabalho, se não.

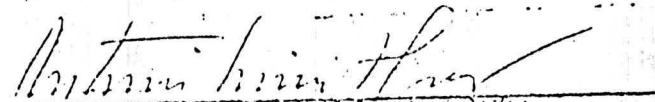
ra que os alunos não desistiam de estudar, eu achava muito difícil, para adolescentes, aprender de que a gente sabe que a adolescência de hoje muitas vezes está mais adulta do que nós. Eu não aconselharia a um Professor Ador, digo, adotar. Apenas aconselharia que usasse um traço para motivar o programa do Dia da Árvore. Quem usava era o Professor Reginaldo. Acima de tudo, é um livro amargo que apresenta uma mensagem depreciativa, afirmando que a solução para os problemas da humanidade é a volta ao primitivo, ao isolamento, a solidão não deve ser isto que precisamos dizer aos nossos alunos, justamente o contrário! PERGUNTA: Sabe nos informar os motivos que fizeram com que D. Lucy Coimbra substituisse a Profa Arabay em sua função e o que ocasionou inclusive a saída daquela Professora da direção do Ensino Médio? RESPONDEU: Foram motivos ideológicos e motivos de natureza moral! A Professora Lucy saberia dizer muito mais. PERGUNTA: O que sabe a respeito da Professora Lourdes Valentina Maria Galeazzi? RESPONDEU: Era uma das poucas professoras primárias que fazia parte da Turma da Associação. PERGUNTA: Tem mais alguma coisa a acrescentar, que nos possa esclarecer a respeito dos problemas da Fundação? RESPONDEU: A única coisa que gostaria de acrescentar é que os Professores que foram dispensados realmente deveriam sê-lo. Houve justiça, porque eram os cabeças do movimento. Poder-se-ia dizer que alguns outros também deveriam ser dispensados, mas já que não o foram até agora, o que aconteceu com os colegas lhes servirá de lição e muitos deles têm sido recuperados e estão dispostos a colaborar, porque parece que acordaram de um pesadelo. Se eu pudesse sugerir alguma coisa, gostaria que fosse mantido o ato das demissões da Prefeitura. Não sei qual o objetivo deste inquérito, mas gostaria que nenhum daqueles atos fosse revistos e deixas em agora esse assunto. Tenho a impressão de que a administração atual está em condições de reconstruir e redemocratizar o ensino em Brasília. PERGUNTA: Numa comissão de inquérito da Câmara dos Deputados, o Dr. Pujol disse que uma das condições que fez com que o inquérito fosse suspenso, é que não interessavam as idéias dos professores, mas, sim, que os professores não podendo, digo, pudessem transmitir aos alunos essas idéias. O Professor Pujol e seus auxiliares tinham meios para evitar essa transmissão de idéias, de controlar o ensino dos professores, para que não fossem nas aulas ou em conversas transmitidas aos alunos essas idéias subversivas, digo, subversivas? RESPONDEU: Vou dizer as medidas que tomamos e que realmente só não chegamos a um resultado 100% porque faltou ao Dr. Pujol -- e faltando a ele faltava a nós condições, faltou apoio da Prefeitura, da Secretaria de Administração, porque quando no fim do ano quisemos devolver à Secretaria de Administração os Professores colocados à disposição na Fundação, cinco ou seis professores do Ginásio Industrial de Taguatinga, porque o Professor Alberto, encerrado o ano, chegou à conclusão de que seis elementos do corpo docente, que era composto de vinte e poucos professores, eram irre recuperáveis. Então, ele colocou esses professores à disposição do Departamento e enviou um relatório objetivo sobre as medidas pelas quais ele retirava esses professoras. Lemoro-me que nessa relatório ele dizia textualmente que o Professor Magalhães havia conversado com ele dizendo abertamente ser comunista. Não disse que era da esquerda ou nacionalista, mas que era comunista. Haviam outros elementos que não quiseram colaborar e então o Professor Alberto colocou-os à disposição, retirou-os do ginásio e eu, por minha vez, coloquei-os à disposição da Secretaria e o Dr. Pujol deveria devolvê-los à administração, pois eram elementos que não tinham condições para estar em contato com alunos. Ele não teve da Secretaria de Administração o apoio para que a Secretaria recebesse esses elementos e os colocasse em qualquer função burocrática. A Secretaria não aceitou essa solução e tivemos que redistribuir esses professores. Com muito desagrado nisso, com muita revolta nossa, tivemos que convencer os diretores de outros estabelecimentos a recebê-los. Tivemos, então, o cuidado de colocar um em cada colégio. Parece que, separando-os, eles fossem perdendo um pouco a força que era dada pelo grupo. E eles não apresentaram/

problemas. PERGUNTADA: Esse relatório do Professor Alberto está arquivado no Departamento? RESPOSTA: Está arquivado no Departamento de Ensino Médio e também nessa Comissão de Investigação Censória, em que eu enviei esse relatório. PERGUNTADA: Se houver necessidade / desse relatório, devemos pedir a quem? RESPOSTA: Ao Secretário de Educação. Acho mais fácil que se dirijam, digo, dirijam à Comissão de Investigação Censória, dada a identidade do trabalho que estão fazendo. Parece que ela está funcionando no IEB. O Presidente da Comissão é o Dr. Roberto Pessoa. Essa foi uma das providências. Não tivemos sucesso porque não conseguimos concretizar. Com uma medida como esta, teríamos o afastamento de professores. Mas não pudemos. O nosso recurso, então, foi de redistribuir. Não foi a solução ideal. Foi uma solução e realmente deu resultado, porque nenhum dos diretores reclamou qualquer atitude desses professores. Que outras medidas foram tomadas para evitar a propagação de idéias subversivas aos alunos? RESPOSTA: Outra maneira que tinham e de conseguir evitar que esses professores continuassem a propagação ideológica que vinham fazendo desde o início do ano, era através dos coordenadores de curso e dos chefes de Departamento que, já agora, eram pessoas da nossa confiança, e não mais da confiança da Associação. Essas pessoas, então, estavam em policiamento -- posso usar essa palavra, sei que ela vai parecer forte -- com relação ao trabalho dos professores. Se eram provas, elas visavam; se era estudo dirigido, elas visavam; se era um trabalho para entregar aos alunos uma relação de textos para redação, também eram visados; se os alunos tinham que fazer uma composição, os temas dessa composição eram cuidados; para se saber se eram temas que pudessem levar o aluno a uma digressão no terreno ideológico. De modo que, através dessas providências, podemos realmente dizer que conseguimos evitar que continuasse esse trabalho de solapamento. Outra providência tomada foi reunir os representantes das turmas, isto é, usar, no bom sentido da palavra, as lideranças estudantis. Então, os diretores reuniram nos seus gabinetes os representantes de turmas e disseram: "Os professores vocês têm que dar aula; cada vez que um professor se afastar do tema de sua aula para tratar de debate político ou discutir a situação da Associação, a atitude de "a" ou de "u", saiam da sala e venham dizer à direção". E muitos professores foram chamados. O diretor chamava e dizia, de maneira calma mas enérgica, que, dentro da sala de aula, não devia tratar de outros assuntos que não fossem os do plano de aula. Tinha a noite toda, ou a tarde toda, ou qualquer outro momento, para tratar dos problemas da Associação e para discutir política. Mas, dentro da sala de aula, desse aula. Realmente, conseguimos. Ou houve algumas queixas. Um dos professores, o Sr. Otávio Lira, iniciou as aulas de História na quarta série, pregando o materialismo, a não existência de Deus. As alunas contaram aos pais, e duas mães foram ao meu gabinete para contar o que se estava passando, a gravidade dos fatos. Imediatamente fiz um ofício -- isso deve estar documentado -- à Diretoria, digo, Diretora. A Diretora chamou o Professor e ele se desdisse, negou que tivesse feito qualquer referência. E, na outra aula, ele procurou dar a entender aos alunos que o haviam compreendido mal. Ele se desdisse perante os alunos. Depois, ele criou mais problemas. Portanto, a nossa ação foi oportuna e decisiva. Houve uma queixa ao Departamento. Imediatamente, oficiamos à Diretora. A Diretora chamou o professor. Ouviu o que ele tinha a dizer e exigiu que ele não repetisse aquilo, sob pena de que fosse colocado à disposição do Departamento e ficasse sem carga de aulas. A nossa ação foi enérgica. Mas não tivemos assim grandes problemas, porque imediatamente eles compreenderam. Depois, a maioria ficou conosco. Eles ficaram em minoria. O Colégio que teve mais problemas foi realmente o Elefante Branco. Ali, eles eram minoria, mas estava unidos, ali, cerca de 40, no Elefante Branco, no Departamento de Ciências Sociais e no de Ciências Físicas e Biológicas. Esse Departamento nos criou problemas terríveis. PERGUNTADA: Que eram esses professores? RESPOSTA: O Professor Eldenor, o Professor Eraldo, o Professor Fábio. Eram realmente os cabeças. E a Professora Rêncé

que era do Departamento de Artes, mas que vivia no Departamento de Ciências Físicas. Esse Departamento ficou até o fim do ano, se não me engano, sem direção. Não houve nenhum professor que tivesse a coragem de assumir a chefia. Soube que uma das professoras convidadas foi chamada e lhe disseram: "Se você tiver a coragem de assumir o Departamento, esse pessoal não vai ficar aí nem por uma semana, e nós vamos voltar mais fortes do que nunca e vamos transferir vocês para Planaltina". PERGUNTADA: Quem era a professora? RESPONDEU: A Professora Yara José da Graça. Ela foi convidada a assumir a chefia do Departamento e não aceitou por coação. Era uma professora nova, uma moça, quase menina, e não tinha motivos para acreditar que a nossa luta viesse a ser vitoriosa. Ela não aceitou porque foi ameaçada de que se aceitasse seria transferida para Planaltina. As ameaças eram dessa natureza. Também eles usavam telefonemas altas horas da noite para os esposos das professoras, para caluniar, denegrir a honra das professoras. Usaram métodos os mais/baixos possíveis. PERGUNTADA: Pode citar algum fato concreto? RESPONDEU: O da Professora Yara Santos Serra, Diretora do Ginásio do Plano Piloto. O esposo dela recebeu telefonema nesse sentido. PERGUNTADA: E com a Senhora nunca usaram esse método? RESPONDEU: Não. O que apenas fizeram contra mim foi procurar, como já disse, usar do argumento de que eu traía a classe toda, de que eu buscava um cargo e por isso havia aceito e que a minha atitude não se justificava, dizendo ainda que mais do que trair a classe eu havia traído a minha família. Isso me chocou muito, porque saía de acontecimentos os muito trágicos nos quais havia perdido meus pais. Eles usaram de todos os argumentos os de que poderiam usar contra nós. Mas isso, de modo nenhum, esmoreceu nossa luta, porque conseguimos formar uma equipe que acreditava no que estava fazendo. A nossa maior glória foi libertar, em definitivo, o ensino em Brasília da atuação maléfica dessa Associação de Professores. E como nada mais disse nem lhe foi perguntado, deu o encarregado do inquérito por fim do presente depoimento, e de como assim fez a testemunha as referidas declarações, mandou o Major PEDRO MAGGESSI SUSINI RIBIRO, encarregado deste inquérito lavrar o presente auto, que, lido e achado conforme, vai por ele rubricado e assinado pela testemunha e comigo ANTONIO JACINTO DE SOUZA, servindo de escrivão, que o escrevi.


PEDRO MAGGESSI SUSINI RIBIRO
Major - Encarregado do Inquérito.


ECILDA RAMOS DE SOUZA
Testemunha


ANTONIO JACINTO DE SOUZA
Servindo de Escrivão